

Crônicas em dias de chuva: a escrita da solidão em Gastão Bousquet

Os laços entre uma pessoa e nós só existem em nosso pensamento. Ao debilitar-se, a memória os afrouxa, e, malgrado a ilusão com que gostaríamos de nos enganar, e com a qual, por amor, por amizade, por respeito humano, por dever, enganamos os outros, nós existimos sozinhos.
Marcel Proust

Marina Haizenreder Ertzogue ¹

Em sua casa, no alto do morro de Santa Teresa, às oito horas da manhã do dia 20 de março de 1889, Gastão Bousquet ² acabou de ler os jornais do dia, tomou uma xícara de café e acendeu o seu terceiro cigarro. Sentado à mesa de trabalho, tinteiro e pena ao lado, ele cortava pacientemente as tiras de papel para escrever a crônica diária. Terminada a última tira, o cronista colocou o texto no bolso e seguiu no bonde de Santa Teresa em direção à rua do Ouvidor, número 118, sede do *Diário de Notícias*, de Rui Barbosa, em que Gastão assinava a seção “Rapidamente”, com a inicial G ou GB.

Engana-se, entretanto, o leitor que pensa se tratar de uma escrita de poucas linhas – “Rapidamente”, significava uma escrita rápida, como ele mesmo afirmou: “sem tempo para burilar as frases que vou deixando sobre o papel, embora essas frases sejam muitas, e eu escreva muito”.³

De chapéu largo e gravata *papillon*, segue grave e solenemente o jovem jornalista santista pela rua do Ouvidor. Por entre as lentes do *pince-nez* e a fumaça de um havana, ele acompanha atentamente o movimento do Café Londres. Ali sentados às mesas, sentindo

¹ Este artigo é resultado do projeto de pesquisa *Cartas, crônicas e folhetins: fontes de pesquisa sobre a solidão masculina no século XIX*, apoiado pelo CNPq.

² Gastão Raul de Forton Bousquet, filho do cônsul da França no Brasil e médico Alexandre Bousquet, nasceu em Santos, em 23 de setembro de 1870. Foi um jovem de ideais republicanos e abolicionistas. Ingressou na imprensa com 16 anos de idade. Em 1887, fundou em Santos, com Alberto Sousa, a *Revista*, folha literária e republicana. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1889, ano da proclamação da República, e integrou a redação do *Diário de Notícias*, de Rui Barbosa, até 1891.

Sua primeira crônica foi publicada em 2 de março de 1889. Nos dois anos seguintes, assina apenas alguns artigos esparsos.

³ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 maio 1889.

⁴ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1889.

⁵ *Ibid.*

⁶ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 jul. 1891.

⁷ *Ibid.*

a aragem do sudoeste bafejar nos rostos, numa espécie de anúncio da chegada da chuva, elegantes *flanêurs* discutem literatura, teatro, política e vida alheia, enquanto bebem conhaque para aquecer-lhes os corpos resfriados.

Na redação do *Diário de Notícias*, com cigarro à boca, pernas cruzadas e cabeça curvada sobre o papel, o cronista compenetra-se na revisão do texto. A chegada de um amigo é pretexto para um café no Londres, a despeito das habituais reclamações do Santos de que o trabalho estava atrasado. Ameaçava que, se em meia hora não lhe fossem entregues as tiras, o jornalista teria o dissabor de vê-las dentro de uma gaveta, em vez de tê-las diante do tipógrafo.

Da janela da redação, Gastão olha a chuva miúda que afugenta os pequenos jornaleiros, com maços de jornais protegidos por capas de papéis de embrulho, enquanto escreve aos leitores: “Dias assim a gente passa no delicioso calor do lar, em casa, bem-agasalhado, ao lado da mulher, a ver prazerosamente os pingos d’água escorregar pela vidraça embaciada da janela”.⁴ De certo modo, a chuva desperta-lhe a solidão, fazendo-o sentir falta do aconchego do lar: “Como é bom ser casado neste tempo!”.⁵ A temática da chuva repete-se na crônica de 28 de julho de 1891: “Dia chuvoso e triste” – uma frase reveladora de que Gastão Bousquet era um solitário no Rio de Janeiro.

Em casa, numa manhã cinzenta de inverno, com uma chuva miúda, muito fria, daquele tipo que o vento parece assobiar ao bater de encontro às vidraças, Gastão, da janela, contempla um carro de bois que, vagarosamente, vai desaparecendo no fim da estrada aos gritos compassados do carreiro. Uma outra cena lhe prende a atenção mais adiante: uma rapariga, usando um xale desbotado, encolhe-se debaixo de um guarda-chuva estrelado de buracos, ao atravessar a rua, batendo ruidosamente os tamanquinhos pela calçada deserta. Por instantes, aquelas imagens distraem Gastão da solidão provocada pelos dias frios e chuvosos, mas logo um pensamento inquieta-lhe a alma: “Que umidade lá fora e que tédio aqui dentro!”.⁶

Para aquecer-se, toma um dedo de conhaque, que resplandece como pingos de ouro no cálice de cristal. Sentado à mesa, entre um gole e uma tragada, o pensamento dispersa-se tal qual as nuvens de fumaça provenientes do charuto. Para o frio, o charuto e o conhaque. Mas eles são capazes de afastar a solidão?

“Falta-me agora uma mulher!”.⁷ A narrativa construída em primeira pessoa na escrita confessional é marcada pela confiança e intimidade que ele parece querer estabelecer na relação dialógica entre autor e leitor, mesmo que na condição de um interlocutor imaginário.

“Um conhaque, um charuto e uma mulher. Ah! Não se pode suportar de outro modo esse raio de tempo.”⁸ A imagem que o leitor constrói diante desse desabafo pode levá-lo a visualizar o escritor numa espécie de autorretrato.

Gastão, entre devaneios e lampejos de realidade, olha sobre a mesa de trabalho as pilhas de jornais. Era preciso escrever a crônica “deste dia tristíssimo e sem luz”,⁹ mas falta-lhe inspiração para tal. Como não encontrara motivação nas manchetes daquele dia, decidiu finalizar o texto reafirmando a própria solidão: “Um gole de conhaque... Uma fumaça de charuto. Ah! que falta faz uma mulher com este demônio de tempo!”.¹⁰ Como lhe fora difícil redigir seu texto naquele interminável dia de tédio. No diálogo consigo mesmo, em busca de respostas para a solidão, percebe que duas razões o levaram a escrever sobre si mesmo: a importância da escuta e dos retornos sobre si.

A solidão dificilmente poderia ser concebida sem uma referência à noção de indivíduo na Modernidade. No século XIX, a cidade passa a ser o cenário da “multidão solitária”, onde não só o sentimento do isolamento e da indiferença está presente, mas também o fenômeno das massas dominadas por forças impessoais e irracionais.¹¹

Gastão Bousquet, homem do século XIX, assim como os românticos do seu tempo, tematiza e experimenta a solidão, seja como experiência interior na busca de si mesmo, seja como expressão da

⁸ Ibid.⁹ Ibid.¹⁰ Ibid.¹¹ TANIS, Bernardo. *Circuitos da solidão*. São Paulo: Fapesp: Casa do Psicólogo, 2003. p. 56.¹² D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benja-

min. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n. 56, p. 240, 2006.

¹³ GAY, Peter. *O coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 24.

¹⁴ LIMA, Elaine Azambuja de. *O lugar do leitor na crônica contemporânea brasileira*. Porto Alegre, 2001. Tese (Doutorado em Linguística, Letras e Artes) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Sul. p. 43.

¹⁵ MARCELLO. Notas da semana. *O País*, Rio de Janeiro, 24 set. 1894.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ O jornalista, escritor e poeta Arthur Azevedo também residiu

incomunicabilidade do “eu” com o outro. A redefinição burguesa do espaço privado e dos direitos individuais resultou na despolitização da vida doméstica, no fechamento do indivíduo em si mesmo e no círculo familiar. Essas razões podem explicar o interesse pelos romances de folhetins, que privilegia os aspectos sentimentais, psicológicos e privados. Tudo, enfim, se relaciona com o processo de acomodação à separação – empreendida pelo Estado burguês – entre o homem e o cidadão, o privado e o público.¹²

Meros detalhes, como quartos privativos ou escrivatinhas com chaves, serviram para que a classe média respondesse à nova intimidade com confissões, viciando-se em tudo que a remetesse à busca do “eu” no cotidiano e nas artes.¹³

No caso de Gastão Bousquet, ele transferiu a solidão para a crônica, que, entre múltiplas definições, é um gênero literário que transita entre a conversa fiada da esquina, o devaneio das lembranças, o comentário da falta de assunto, o instante poético ou a ponderação reflexiva sobre a condição humana.¹⁴ Desse modo, a solidão expressa nas crônicas de Gastão Bousquet reflete a emoção do autor.

Assim como Gastão, outros autores, também cronistas da imprensa carioca, confessaram o sentimento de melancolia. Os leitores que desdobrassem o jornal *O País* no dia 24 de setembro de 1894, à procura de uma visão alegre dos acontecimentos, surpreender-se-iam com essa frase: “Para a crônica nada há de pior do que a chuva”.¹⁵

Sem diferir dos escritos de Gastão, Marcello, o cronista que assinava as “Notas da Semana”, em *O País*, escreve: “A chuva traz mais tédio, melancolia à alma, enegrece os horizontes, e por isso eu veja tudo negro, tudo absolutamente tudo, através dos vidros da minha janela e através das minhas análises de cidadão”.¹⁶ No final do texto, talvez percebendo crônica macabúzia que escrevera, desculpa-se com os leitores.

O romancista Arthur Azevedo,¹⁷ cronista da “Palestra”, no jornal *O País*, também desabafou: “Que sexta-feira chuvosa e úmida! Que dia monótono!... [...] Um dia assim deve agradecer bastante aos indivíduos que não precisam sair à rua para ganhar a vida”.¹⁸ Aborrecido por deixar o conforto do lar, descreve os incômodos da chuva:

Imaginem os generosos leitores o que poderá escrever, para entretenimento de suas senhorias, um pobre diabo com os pés encharcados e o estrepitoso nariz – estrepitoso por causa de sucessivos espirros – transformado em torneiras mal fechadas.¹⁹

É bem verdade que não era fácil viver numa cidade que se alagava tão logo a chuva caía. Para se ter uma ideia, o quadrilátero formado pelas ruas Gonçalves Dias, Ourives, Uruguaiana e pelo largo de São Francisco transformava-se num espaço caótico para o tráfego. O comércio paralisava na famosa rua do Ouvidor. Além disso, reclama o cronista, “os bondes não trazem senão o sexo barbado e só os cafés se enchem de gente”.²⁰

Entretanto, nem sempre a chuva provocava o sentimento de melancolia. Para alguns escritores, era um momento de quietude e de inspiração. Visconde de A. escreveu no folhetim “A esmo”,²¹ no *Correio Mercantil*:

O poeta em dias de chuva, comodamente aninhado entre a xícara do café e a ponta de pretensioso ‘havana’, relê as páginas que já compôs e compõe outras que lerá mais tarde. Dá-lhe a chuva um leitor certo.²²

Enquanto usufrui dos momentos de tranquilidade, lembra-se de que no interior das casas a chuva convida à execução de trabalhos de agulha: “As velhas, envoltas nos clássicos xales xadrez, tomam ponto as meias no canto da sala, enquanto netas, tecendo junto à

em Santa Teresa no período entre 1892-1893. Graças a Luiz Edmundo, ex-morador da rua dos Junquinhos, atual rua Feliciano dos Santos, sabe-se que Azevedo residiu naquele logradouro, cujos buracos foram imortalizados foram em quadrinha do poeta. Ver: LOBO, Laurinda Santos. *Mecenas, artistas e outros marginais em Santa Teresa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. p. 43.

¹⁸ AZEVEDO, Arthur. *Palestra*. *O País*. Rio de Janeiro, 16 jun. 1894.

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ SOUVENIR. Na rua do Ouvidor. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 mai. 1887.

²¹ O termo “folhetim”, em geral usado para a publicação seriada de romances estrangeiros ou nacionais, em jornais, aparecia no “rés do chão”, na parte inferior do jornal, destinado ao entretenimento do leitor. O folhetim foi antecessor da crônica, na forma como se entende a escrita de um texto livre ou de ensaio.

²² VISCONDE de A. Folhetim a esmo. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 6 set. 1868.

²³ *Ibid.*

²⁴ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 mai. 1891.

²⁵ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 mai. 1889.

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid.

²⁸ PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários. In: _____

janela a bolsa de mimoso crochê destinado ao primo Juca, resolvem nos recessos do coração o difícil problema do primeiro amor”.²³

Não eram somente os dias chuvosos que traziam melancolia para a crônica carioca, mas também os domingos, quando o comércio estava fechado e somente as portas dos cafés e botequins se abriam à espera dos fregueses. Diante desse panorama, Gastão sentia entrar pela alma adentro, como um rio morno, “todo o profundo tédio das ruas desertas da cidade e das ruas dos arrabaldes apinhadas de caixeiros em folga”.²⁴

Do bonde de Santa Teresa em direção à rua do Ouvidor, o cronista observa um cenário bucólico na rua quase deserta: um vendedor de flores oferece rosas e cravos espetados em um mamão, moleques apregoam preguiçosamente a *Gazeta da Tarde* e um velho italiano de barbas brancas, encostado numa esquina, traz o realejo preso às costas por grossas correias. Fazem-lhe companhia uma periquita sonolenta e um cão que se mantém estirado aos seus pés. Era assim o domingo, um dia “atormentadamente insípido”,²⁵ escreve Gastão Bousquet: “Estou aqui a rabiscar mecanicamente umas tantas tiras, como se fosse em qualquer outro dia da semana”.²⁶

A cena que inspira a crônica do dia 6 de maio de 1889, no *Diário de Notícias*, nos conduz a refletir sobre a condição humana, mais precisamente sobre a solidão na escrita de Gastão Bousquet. Nesse dia, durante o trajeto da sua residência para o centro da cidade, ele repara que na pequena chácara, em frente à porta de uma casa modesta, um homem gordo, estendido em uma cadeira, com um charuto à boca, vestindo um fato branco, lê um jornal; ao lado dele, sua mulher, sentada, faz crochê. Presume, então, que aquele homem deve ser um comerciante, um desses tipos respeitáveis que, às cinco da tarde, com um embrulho debaixo do braço, segue para o sossego do lar. Aquele homem provavelmente só se ausenta de casa para jogar gamão com algum amigo de vida tão serena quanto à dele.

Aquela cena familiar emociona o cronista. Solteiro e solitário, Gastão, invadido pela emoção, escreve: “Quando vinha no bonde para o trabalho, ia vendo incrivelmente a felicidade dos outros”.²⁷

Essa sensação, no entanto, não era exclusiva do cronista. Na Europa, no século XIX, viver em Paris, virar escritor, poeta ou jornalista, escapar das banalidades da vida burguesa eram ambições compartilhadas pelas “vítimas dos livros” – na maioria das vezes, inveterados boêmios e, conseqüentemente, refratários à vida conjugal.

Aqueles que, porém, gravitavam em torno das academias e dos pasquins nunca sentiam tanto a solidão quanto no domingo – “o sétimo dia de um condenado”. Sentiam-se excluídos de todos os lugares porque as famílias pareciam ocupar todo o espaço público.²⁸

No século XIX, o teatro familiar era o palco das grandes batalhas pela afirmação da individualidade. Vinculada à vida econômica dos seus integrantes, era a instância representativa da lei e do Estado, disciplinadora da sexualidade ou ainda o refúgio da alienação em meio à multidão.²⁹ Nesse contexto, a solidão ainda não era um direito do indivíduo. De acordo com Michelle Perrot, para solitários e solteiros, a solidão, “devolve como um espelho, a imagem de uma sociedade que valoriza a ordem da casa e o aconchego do lar”.³⁰

Também a saudade da terra natal somava-se ao sentimento da solidão. Gastão, que nasceu em Santos e iniciou a carreira jornalística ainda jovem no *Diário de Notícias* em 1889, seguiu a trajetória dos homens de letras da sua época, quando chegavam ao Rio de Janeiro. Para obterem reconhecimento e notoriedade, trocavam a vida provinciana pela capital. Esse também foi o caso de Nemo, cronista da *Gazeta de Notícias*, que, assim como Gastão, escreveu:

Domingo, o dia mais insípido que um provinciano pode passar nas grandes cidades, dia em que as recordações tristes invadem-lhe o coração, causando-lhes as mais vivas agonias.³¹

Nesse dia, “o filho da província involuntariamente entristece”,³² ao relembrar a família e aqueles que sabem amar os domingos, respeitando neles a religião de seus antepassados e transformando-a

(Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 296.

²⁹ TANIS, Bernardo. *Circuitos da solidão*, p. 59.

³⁰ PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários, p. 303.

³¹ *Ibid.*

³² *Ibid.*

³³ *Ibid.*

³⁴ FERREIRA, Carlos. Folhetim da Folha da Tarde. *Folha da Tarde*, Rio de Janeiro, 17 nov. 1871.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ibid.

³⁷ A. B. Recordações. *O País*, Rio de Janeiro, 8 jun. 1894.

³⁸ Ibid.

³⁹ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 9 mar. 1889.

num elo inquebrantável que lhes conserva das aflições na instabilidade da vida.³³

Carlos Ferreira, folhetinista da *Folha da Tarde*, em carta literária endereçada à Luiz Guimarães Junior escreve: “Sinto nesse momento saudade do suave sossego da província, faz-me mal este traidor burburinho da tua festiva corte”.³⁴ Ferreira pergunta ao amigo escritor:

Tu, homem da capital sabes por acaso o que vai de beatífico no viver tranquilo provinciano, dentro de uma pequena casa, vagando à moda de Xavier Maistre, tendo à direita Heine e à esquerda Baudelaire e tendo os olhos sempre pregados na imagem da ilusão?.³⁵

A solidão não é nociva, afirma o folhetinista da *Folha da Tarde*; pelo contrário, é quase sempre de um efeito salutar: “se não fora ela, não quereria Deus que aquele célebre imperador chinês escrevesse o decantado poema sobre o chá”.³⁶ A “Corte festiva” que tanto aborrecia o cronista provinciano da *Folha da Tarde* ressurgiu no ensaio “Recordações”, publicado no jornal *O País*. O texto assinado com as iniciais A.B. principia assim: “Há momentos em que nos sentimos possuídos de invencível tristeza”.³⁷

Apesar da ostentação da rua do Ouvidor, da animação dos cafés-concertos, das luxuosas confeitarias, das festivas matinês teatrais, das preciosas galerias de quadros e do vaivém ininterrupto dos veículos, o ensaísta queixa-se:

Tudo isto, enfim, e muito mais que se oferece à nossa vista, já, portanto habituada, longe de despertar-nos prazer, motivamos, ao contrário, em tais ocasiões a um verdadeiro tédio.³⁸

À noite, como era de hábito, Gastão acendia um charuto depois do jantar, vestia o fato de brim, colocava o chapéu de palha e saía para a casa de amigos, assobiando trechos alegres de canções francesas. No tempo da epidemia no Rio, a alegria do passeio era substi-

tuída pelo mal-estar causado pelas procissões fúnebres: “Um enterro! Como me faz mal ver desfilar um préstito fúnebre! Sempre que diante de mim passa um cadáver, acode-me a lembrança de que talvez seja o de um filho pelo qual a mãe soluça inconsolavelmente”.³⁹

A morte estava em toda a parte, e o que era ainda mais doloroso – a morte fulminante. O ar estava saturado de micróbios. A febre amarela dizimava a população no Rio de Janeiro, e Gastão, consciente de sua saúde frágil, obviamente receava morrer. Numa crônica, no *Diário de Notícias*, ele revela que, mesmo enfermo, a profissão lhe exige sacrifícios:

Meus caríssimos leitores escrevo-lhes da cama, que é lugar quente, como diz o povinho aconselhando que nela se chore. E lugar mais quente é ainda a cama quando o termômetro nos avisa que temos trinta e oito graus de febre. Como tem agora esse magro cronista diário.⁴⁰

No leito, enquanto escreve sobre uma pasta que apoia nos joelhos, ao som produzido por picaretas dos trabalhadores que fazem obras na rua onde ele mora, Gastão sente falta dos companheiros da redação, das queixas de falta d’água dos moradores da periferia da cidade e até mesmo do café bebido aos goles no Londres.

Algo deve ser dito: não é só a saúde frágil que debilita Gastão, aflige-lhe uma melancolia implacável, a solidão dos dias de chuvas, o tédio dos domingos e – quem sabe? – o sentimento de incompletude. Essa mescla de fragilidades orgânicas e emocionais faz com que ele se afaste das atividades jornalísticas no *Diário de Notícias*, da segunda quinzena de janeiro até a segunda quinzena de fevereiro de 1890. Sua crônica reaparece no dia 15 de fevereiro de 1890, mas revela um escritor que havia perdido o prazer pela escrita:

Sou um homem que não lê e que não escreve; que sente por si, e sente para si, que não tem obrigação de externar impressões, que não conhece o público e que não é conhecido.⁴¹

⁴⁰ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 28 jun. 1889.

⁴¹ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 fev. 1890.

⁴² Ibid.

⁴³ MENEZES, Marcos Antônio de. *Um flâneur perdido na metrópole*

do século XIX: história e literatura em Baudelaire. Curitiba, 2004. Monografia (Pós-Graduação em Ciências Humanas, Letras e Artes) – Universidade Federal do Paraná. p. 92.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 fev. 1890.

⁴⁷ Ibid.

O trabalho que até então exercera era uma vaga lembrança, como uma nuvem que some em céu límpido ao primeiro sinal de viração. Passa a sair de casa pela manhã, após ter o corpo refrescado pelo banho frio, com um cigarro à boca e mãos nos bolsos. Um ser descompromissado e protegido pelo anonimato. Nessa fase, confessa sentir desejo de perder completamente a memória:

Como seria bom deixar a vida e de novo começar a viver, como quem, no jogo de bilhar, puxa o rosário das marcas e começa uma partida nova!⁴²

Não mais lê jornais porque se aborrece com os discursos dos políticos, com as emendas à Constituição e com o sobe e desce das ações.

“Vagando pela cidade, o homem moderno é como aquele que perdeu a memória e não sabe mais como nem para onde voltar”,⁴³ afirma Marcos Antônio de Menezes em *Um flâneur perdido na metrópole do século XIX: história e literatura em Baudelaire*. Segundo ele, a modernidade imposta ao espaço urbano no século XIX transformou profundamente não só os lugares, mas também as pessoas e as relações entre elas. Há um padrão para tudo, e sair fora dele é uma heresia, sob pena de banimento do “paraíso”. Não há nenhum consolo para quem não pode mais fazer qualquer experiência, porém não é essa incapacidade que constitui a essência da ira.⁴⁴

Tudo isso transparece na leitura dos textos de Gastão. Um estado de melancolia quase que crônico, na escrita de si, revela angústias e sentimentos de incompletude. Um dos traços característicos desse homem do século XIX é o *spleen* (melancolia). O melancólico se isola e o mundo passa por ele como um filme em preto e branco: nada o toca nem tem sentido. O indivíduo tenta preservar seu “eu” ante a massificação.⁴⁵ Anulam-se nele o interesse e a receptividade, sendo imperativo tentar salvar sua personalidade da degradação provocada pela urbe. Gastão repassa ao leitor a imagem do abandono da escrita – a poeira representa o tempo que passou e a ferrugem, o desuso dos instrumentos de trabalho:

Sobre a mesa abandonada dormem o seu sono branco, debaixo de uma coberta leve de pó, as últimas tiras que sobram virgens da derradeira crônica. A um lado, atirada a pena, pobre amante esquecida, chora a lágrima vermelha da ferrugem.⁴⁶

A reconciliação aparece no final do texto, quando o cronista “sopra com carinho a poeira que se estende sobre as tiras, toma de novo a pena olvidada” e vai apanhar a nota do dia para o seu primeiro artigo.⁴⁷

Entretanto, Gastão, que havia prometido aos leitores assumir o seu posto de todos os dias, passou a escrever esporadicamente para o jornal. Novamente afastou-se da redação, o que só se esclareceu em 13 de março de 1890, numa nota do *Diário de Notícias*: “Tem estado bastante enfermo o nosso estimado companheiro com uma linfatite no braço direito. Felizmente começa agora a entrar em convalescença”.⁴⁸

Cai sobre essa cidade, pesada como uma grande tampa, a monotonia calma de todos os dias” – nessa crônica do dia 8 de dezembro de 1890, Gastão segue em suas digressões sobre a falta de acontecimentos na capital da República:

O Rio de Janeiro gordo, o de suíças grossas, os de botinas inglesas, quarenta e dois, tem agora de novo, na caraça oleosa, a bem-aventurança burguesa das digestões bem feitas.⁴⁹

Comentando sobre a satisfação no Rio de Janeiro pelo restabelecimento da ordem pública, após sucessivas conturbações sociais advindas da proclamação da República, o cronista queixa-se da restauração da rotina:

Como é irritante esse ram-ram da vida de todos os dias!
Como aborrece isso da gente almoçar, tomar o bonde, vir à cidade, tomar o bonde e voltar para à casa, sentir sempre a

⁴⁶ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 13 mar. 1890.

⁴⁹ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 dez. 1890.

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Ibid.

⁵² Ibid.

⁵³ Ibid.

⁵⁴ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 1 abr. 1889.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 mai. 1891.

⁵⁷ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 abr. 1890.

⁵⁸ Ibid.

mesma coisa, ver as mesmas coisas sempre, pessoalmente, estupidamente, sem emoções fortes, sem abalos grandes! ⁵⁰

Para Gastão, a vida deveria ser uma montanha-russa: “A paz! Como isso enfastia! O sossego! Como isso é detestável”.⁵¹ Apraziam-lhe perceber o sobressalto nos outros: “É uma sensação adorável essa que se experimenta com o coração a bater muito, vendo-se chegar o perigo anunciado”.⁵² Sentia falta dos boatos e acontecimentos que agitavam a vida social no Rio de Janeiro: “Eu faço votos para que apareça o homem do chapéu do Chile – a única esperança que me resta no fundo negro do meu tédio”.⁵³

Quando o cronista sentava-se em frente às tiras de papel vazias, chovesse ou resplandecesse o sol, fosse boa ou má a digestão, alegres ou tristes as disposições do espírito, ele tinha uma história a contar: “Há dias em que um pobre cronista anda a coçar o queixo, desesperado pela falta de assunto”.⁵⁴ Até a indisposição para a escrita era tema para crônica. Certa vez, precisou recorrer ao senso de humor para preencher sua coluna diária.

Dentre os vários episódios narrados em suas crônicas destaca-se um ocorrido na elegante casa da senhora L. Para distrair-se, Gastão folheava um álbum escarlate onde as visitas escreviam pensamentos. A tinta ainda fresca revelava um verso escrito, em letra miúda: “Nada há mais triste na vida do que a mulher que não ama”.⁵⁵ Gastão respondeu a lápis:

Há minha senhora, Muito mais triste é um pobre cronista que hoje, domingo, ao voltar de um belo passeio no campo, ainda com o derradeiro trecho da paisagem diante da vista e com o último canto de pássaro ao ouvido é obrigado a sentar-se à mesa de trabalho para fazer a crônica que deve sair amanhã. ⁵⁶

Em outra narrativa, fica evidente a ideia de tornar o leitor cúmplice da intenção jocosa do narrador: “Pelo correio, às vezes,

chegam-me cartas as mais interessantes deste mundo. Cartas com versos dentro, recebo-as todos os dias, e creio que o mesmo acontece a todo aquele que escreve numa seção de jornal”.⁵⁷

Epaminondas, um jovem não correspondido no amor, escreveu para Gastão pedindo-lhe conselhos sentimentais:

Eu, senhor redator, sou um rapaz, sou muito moço, e há quase um ano que amo uma formosa jovem que me veio inspirar o mais profundo e o mais platônico amor. Essa jovem tem a beleza da estrela da manhã, da aurora das virgens de Murilo, mas para formar contraste com tudo isso tem um coração de pedra.⁵⁸

No final da carta, o leitor pergunta: “Que devo fazer diga-me? Diga-me. Espero que me responda pelo jornal”.⁵⁹ E Gastão responde:

Eu te digo: vai ali no *Pharoux*, tira da algibeira duzentos réis e compra uma passagem para Praia Grande, toma lugar na barca, e quando te veres bem ao largo, deixa o chapéu e o guarda-chuva em um banco e atira-te ao mar. Assim, ó Epaminondas infortunado! Ó platônico Epaminondas! Ó Epaminondas do amor não correspondido! Consegue duas grandes coisas: deixas de sofrer a grande dor que te feres e não me incomoda mais.⁶⁰

Por esses últimos fragmentos de crônicas se esboça o estilo que Gastão adota ao longo de sua carreira no jornal *O País* – o gênero humorístico. Ele avalia a recepção de seus textos por meio de comentários manifestos em cartas dos leitores e até mesmo em visitas à redação. Na crônica de 20 de maio de 1889, Gastão escreveu sobre a visita de uma leitora “muito formosa”⁶¹ à redação do jornal. “Sorriu-se a minha leitora, lançou-me um olhar mais negro que o corpete de cetim que trajava.”⁶² A intenção de envolver o leitor no clima de sedução daquele encontro fica clara no primeiro parágrafo:

⁵⁹ *Ibid.*

⁶⁰ *Ibid.*

⁶¹ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 mai. 1889.

⁶² *Ibid.*

⁶³ *Ibid.*

⁶⁴ BOUSQUET, Gastão. Rapidamente. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 mai. 1889.

⁶⁵ Ibid.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ Gastão deixou a redação do *Diário de Notícias* em 1891, passando a integrar inicialmente o corpo de redatores do jornal *Tempo* e, posteriormente, de *O País*, de Quintino Bocaiúva, para substituir J. Guerra, pseudônimo de Urbano Duarte. Nesse periódico, estreou outro estilo jornalístico, passando a escrever textos humorísticos, com a assinatura de “J. Repórter”. Foi colaborador da *Gazeta de Notícias*, de Ferreira de Araújo, e da *Cidade do Rio*, dirigido por José do Patrocínio. Algum tempo depois, foi redator-chefe do *Correio da Manhã* e redator-secretário da edição da tarde do *Jornal do Commercio*. Cf. O PAÍS. Rio de Janeiro, 18 mar.1918.

⁶⁹ A GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 18 mar. 1918.

⁷⁰ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 18 mar. 1918.

Permitam-me que conte aqui o que se passou ontem entre mim e uma moça bonita. Seriam duas horas da tarde quando fui procurado por uma interessante rapariga que desejava muito falar comigo. ⁶³

Gastão oferece-lhe uma cadeira e ela senta-se ao seu lado. O Azeredo, redator-chefe do jornal, de cabeça espichada por cima da escrivaninha, sorri brevemente. A conversa sobre leituras dos folhetins domingueiros publicados na imprensa carioca prossegue. A leitora lhe pergunta: “O senhor é casado?”.⁶⁴ Gastão responde: “Não, minha senhora”.⁶⁵ Como Gastão era solteiro, não haveria inconveniente em relatar aos leitores essa conversa, concluiu a leitora. Na despedida, ela “comprimiu a minha mão em sua mãozinha coberta por uma macia luva *peau de suéde*”.⁶⁶ Sorrindo, ela saiu da sala, deixando uma suave fragrância de perfume no ar. Por sua vez, Gastão olhou “para o Azeredo, acendendo um cigarro”.⁶⁷

Da leitura das crônicas de Gastão Bousquet no *Diário de Notícias*, depreende-se um homem sensível, vivendo da imagem que criou de si para expor aos outros. Solitário, seus textos dialogam com cronistas que viveram em circunstâncias semelhantes, numa “Corte festiva” que despertava solidão nos homens de letras, provincianos, recém-chegados à capital do país.

Na vida pessoal, ele realizou seu desejo de moço: casou-se com Noêmia e tiveram cinco filhos: Dulce, Ruy, Ruth, Alexandre e Maria. Depois de alguns anos de evidência na imprensa, ele foi esquecido,⁶⁸ não sendo mais visto nas rodas literárias. Traduziu folhetins e eventualmente escrevia artigos de gêneros diversos para os jornais, sem ser, no entanto, colaborador efetivo. Retirou-se para uma isolada chácara em Niterói, onde vivia simples e reservadamente em companhia da esposa e dos filhos. Preocupações causadas por doença na família o prendiam ao lar. Trabalhava em casa e sustentava esposa e filhos com os poucos recursos que recebia pelos artigos que escrevia.

Doente, muito magro, marcado pelos percalços de uma existência sofrida, Gastão Bousquet tornou-se um homem retraído, calmo e amavelmente tolerante. Quando, por acaso, encontrava um velho camarada e ele lhe perguntava o que andava fazendo, respondia-lhe: “Metido comigo, no meu sítio, e com os meus... Dedico-me à plantação de batatas... É muito bom para a saúde e eu ando doente”.⁶⁹

No dia 17 de março de 1918, às 15h30, aos 48 anos de idade, faleceu Gastão Bousquet, em sua casa, na rua Valladas, número 13, em Niterói. Foi sepultado no cemitério de Maruí, daquela cidade.⁷⁰

Ao fazer uma leitura retrospectiva das suas crônicas, ficam evidentes as incertezas sobre sua vida pessoal, mesmo considerando que a narrativa não tem o poder de trazer para o interior do texto a complexidade da existência humana. Entretanto, depoimentos de companheiros de imprensa, por ocasião da sua morte, revelaram que Gastão despediu-se dessa vida no mais completo anonimato – “Se finou tão obscuramente no bairro de Niterói. Há muito que não se ouvia o nome de Bousquet”.⁷¹ E, se um balanço do seu final de carreira fosse feito, certamente encerraria uma imagem melancólica do jornalista.

Por ocasião do seu desaparecimento, vários jornais do Rio de Janeiro ressaltaram-lhe as qualidades:

Talentoso e ilustrado, tanto fazia a crônica como o artigo político, tanto quantificava na primeira coluna como descia ao anonimato vago. E assim ele foi o repórter e redator, o secretário e o redator-chefe de vários jornais. Era um jornalista completo e competente que trabalhou toda a sua vida para deixar aos filhos um nome honrado e digno.⁷²

Ao finalizar, devo dizer que a história das sensibilidades pode se consistir em uma reescrita de uma parte da história a partir de um ponto de vista de uma emoção particular. A despeito de a solidão ser considerada um fenômeno moderno, o fato de alguns monges buscarem a solidão voluntariamente e de artistas triunfarem graças

⁷¹ O PAÍS. Rio de Janeiro, 18 mar. 1918.

⁷² A GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 18 mar. 1918.

⁷³ ZELDIN, Theodore. História pessoal e história das emoções. *História: questões e debates*, Curitiba, p. 42, jul.-dez. 1991.

a ela não a torna um problema que tocou somente às margens da sociedade.⁷³ Em uma esfera particular, a solidão levanta questões, tais como: o que fez com que monges e artistas se considerassem incompletos em si mesmos? No caso de Gastão, suas crônicas revelaram, ao mesmo tempo, o narrador e o personagem. Sua trajetória pessoal de jornalista permitiu que os leitores entrassem na sua intimidade, expondo a sensibilidade masculina por meio da sua sensação mais íntima: a solidão.